

Mimética platônica: a "arquitextura" dos diálogos.

Priscila Alba da Silva

Doutoranda em Filosofia na PUC-Rio

<http://lattes.cnpq.br/9757294612728009>

priscila.alba@hotmail.com

75

O objetivo desta comunicação é examinar, de modo breve, o aspecto composicional ou mimético dos diálogos platônicos. Nesse sentido, partir-se-á da análise do vocabulário frequentemente utilizado por Platão para caracterizar as Ideias ou Formas (sobretudo nos chamados diálogos de fase média), a saber, αὐτὸ καθ' αὐτὸ; μνοειδὲς; ἀεὶ; para mostrar a tessitura dos diálogos como uma espécie de “plagiotropia” dinâmica. Assim, buscar-se-á demonstrar que embora Platão não se coloque como personagem nos diálogos, sua persona talvez apareça em todo e qualquer diálogo como um modo de compor ou enredar que encontra a sua singularidade através do uso e da harmonização de diversos elementos dispersos na cultura grega da época. O ensejo crítico-analítico é retirado de um dos diálogos platônicos, a saber, o *Eutidemo*. Ao ser testado verbalmente pelos irmãos Eutidemo e Dionisidoro, a personagem Clínias se deixa enredar por uma espécie de dança ou laço constituído pelas palavras dos irmãos que, pouco a pouco, apertam a personagem com o objetivo de trocar publicamente de sua inteligência. Aborrecido com a situação, a personagem Sócrates então intervém e adverte Clínias de que as armadilhas linguísticas lançadas pelos irmãos somente tiveram sucesso devido à inexperiência da personagem com relação à correção dos nomes, tópico que deveria ser primeiramente aprendido. Assim, pretendo fazer uso da recomendação socrática no âmbito do *Eutidemo* e extrapolá-la para o conjunto dos diálogos a fim de mostrar que Platão faz um uso crítico de um léxico vigente na cultura grega da época também para testar os seus leitores. O vocabulário frequentemente utilizado para caracterizar ou qualificar as Ideias ou Formas não fora uma invenção platônica, mas antes expressa um uso controlado de termos semanticamente carregados à época. A “plagiotropia” (palavra que tomo emprestada de Haroldo de Campos) seria, sob este viés, uma espécie de princípio gerativo dos diálogos, uma dinâmica que retroalimentaria a mimese. A *mímesis* não seria, portanto, uma questão isolada da ontologia, mas, indispensável para pensar a crítica ontológica que Platão operou em seu tempo. Por um

“contágio de significantes” e por “torções de significados no instante” dialógico, mostra-se que a ontologia platônica foi literariamente tecida com os recursos linguísticos disponíveis à época, com especial atenção à figura de Parmênides e ao seu poema, reduto léxico de onde Platão parece ter retirado integralmente o vocabulário relativo às Ideias.

Palavras-chave: Platão. Parmênides. Ideias. Diálogos. *Mímesis*.

76

Bibliografia

PARMÊNIDES. Poema. In: *Os Pensadores Originários*. Petrópolis: Vozes, 2017.

PLATÃO. *Crátilo*. Trad. Celso Vieira. São Paulo: Paulus Editora, 2014.

PLATÃO. *Eutidemo*. Trad. Maura Iglésias. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2011.

PLATÃO. *Sofista*. Trad. Henrique Murachco, Juvino Maia Jr. e José Trindade Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

PLATÃO. *Teeteto*. Trad. Maura Iglésias e Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2020.